

O MUSEU É UM MUNDO, O MUNDO É UM MUSEU

por

Vítor Oliveira Jorge*

A modalidade de “regime pós-moderno”, retintamente mercantil e liberal, globalizante, que hoje se reafirma quotidianamente no mundo, sem quaisquer rivais ou contrapontos (a não ser esgares de desespero ou nostalgia) está mais que caracterizada, sendo difícil sobre ela não repetir lugares-comuns ou banalidades.

Consiste num esbatimento de fronteiras, na acumulação de referências díspares (sobreposição de citações, que se substituem à antiga afirmação “certa”, “ajustada” e emanando de um sujeito enunciador que se pretendia original e, ao mesmo tempo, reportado a um desejo de “verdade”), no estabelecimento de um regime de flexibilidade e de fluidez, que não podiam estar mais bem tipificados do que pela internet, pelo fluxo instântaneo de capitais em todo o planeta, pela ideologia turística (desloco-me e visito, logo existo), e pela permanente fabricação de realidade(s), que são écrans umas das outras, imagens de imagens.

Tudo é fluido, tudo é mutável, tudo tem de ser imponderável e “transparente”, tudo está em deslocação constante para fora de um eixo de si mesmo – movimento, aceleração, ocupação de todo o campo da percepção por uma espécie de vultos fugitivos, de identidade(s) compósitas e indecisas, sempre em reformulação – e, eis, em todos nós, instalada a “era da suspeita” e da inquietação, sem repouso possível, como se fôssemos eternos viajantes que jamais encontram o limiar da sua casa.

Que inocência perdemos?... Mas, tem sentido esse discurso de perda e nostalgia, no mínimo ambíguo? Ou apenas vemos generalizar-se, “democratizar-se”, uma certa forma de consciência crítica e auto-reflexiva, céptica, des-sacralizada, que tradicionalmente pertencia às elites como um capital altamente distintivo e que agora tende a massificar-se, isto é, a fugir ao controlo dos regimes de produção da diferença tradicionais?...

* Prof. da FLUP – DCTP.

Esbatimento, ao mesmo tempo, do real e do virtual, dos entes e da(s) sua(s) imagens, da realidade e do sonho, do material e do ideal, do possível e do impossível, do trabalho e do lazer, do próximo e do distante, do passado e do futuro, do interior e exterior, da cidade e do campo, do homem e da natureza, da vida e do arquivo – enfim, de todas as dicotomias (que já sabíamos enganadoras, ou impensáveis, ou efémeras) de que se alimentou a nossa tradição, nomeadamente a da designada “modernidade”.

Esse anúncio prodigioso de uma empresa de telemóveis, em que um rapaz e uma rapariga atravessam a grande velocidade sucessivas paredes, como se fossem máquinas ou deuses, sobem a árvores altíssimas como se fossem animais trepadores, dotados de uma energia divina, voam depois no vácuo como se fossem aves ou anjos, libertos de todas as “contraintes” dos corpos – são essas imagens desmaterializadas que nos atraem. Não é a coisa em si, é a velocidade que adquire, e a nitidez que mantém, o seu carácter imaculado, que nos fascina (momentaneamente).

Ou esse outro “video-clip” de uma célebre vedeta rock, em que a eventual vacuidade do que canta é amplamente superada pela sua imagem feminina, perdida num deserto de solo gretado, e se esconde sob véus, ou mesmo se transforma inteiramente num conjunto de “écharpes” ondulantes, que podem cair, como uma mancha negra ou um líquido que se derramasse no solo, para daí reemergir como um bando de aves de estranho agouro... mas agouro que não aponta para nada... Vivemos destes flashes, destes fascínios curtos, destes instantâneos encantamentos/desencantamentos.

A repetição de imagens, que nos sugam, que nos “apanham” a cada passo, como uma “passerelle” de moda em que os corpos saem magicamente detrás de uma cortina e desfilam sem cessar, pressupondo um olhar que nunca abandona, obriga-nos a perguntarmo-nos o que é que mantém a atenção viva até aos limites do mais dolorosa fadiga, quais os mecanismos que sobre nós actuam, e que tornam indescernível o novo e o “déjà vu”, quem nos preparou para este tédio que a todo o momento procuramos como um vício, para esta vigília que recomeça passado o tempo breve do cansaço, para esta produção de nós próprios que recupera sempre de uma fase de desistência ou de depressão, para esta tenacidade em viver dizendo mal da (falta de) vida que temos, para esta ânsia de produzir, de desenvolver, de aumentar, de acumular, de seduzir, de ter, de saber!

Este é um mundo “cheio”, que suturou todas as discontinuidades com uma música de fundo, soft, que percorre as paredes de todos os sítios que percorremos, de todos os lugares de passagem que utilizamos, e que se confundiram com a totalidade do espaço. Porque mesmo a cadeira onde leio, o quarto onde durmo, o sítio de onde falo ou onde converso com outros é um não-lugar: foi tocado pela des-essencialização de tudo. Só vale pelo que eu aí fizer e sentir, ou fizer sentir,

enquanto isso acontecer. Eu vejo já esse sítio como um lugar vazio, abandonado às cadeiras desarrumadas e outros vestígios da passagem humana, mesmo quando estou imerso nele; em cada momento estou a reconstituir o anterior e a prever o que se segue. Tenho a ânsia da totalidade.

A palavra-chave passou a ser “rede”. Estar em rede, significa estar em comunicação e circulação permanente, fluir entre pessoas, lugares, imagens, sensações, sítios, num universo despolarizado onde o que conta é a própria deslocação, e não qualquer objectivo centrado num ponto do espaço-tempo. O valor (nas suas várias modalidades, cujo padrão último é o ganho material, é claro) foi evacuado dos lugares, das pessoas, das temporalidades tradicionais, para fluir permanentemente, surgir e se desfazer em combinatórias infinitas. E nós tornámo-nos actores e espectadores, em simultâneo, desta imensa paródia em que somos levados, nos deixamos levar, desejamos profunda e intimamente participar, sem saber por quem, para onde, mas com a forte suspeita de que não há qualquer hipótese de saída. Como se tivéssemos nascido já dentro deste “party” interminável, creio de hipócritas por vezes extremamente inteligentes, onde toda a gente faz o possível por parecer feliz, descontraído, “à laise”, e onde alguns até fingem muito bem; e os que não aguentam sempre vão para detrás do cenário e fogem de cena. Compreendemos todos que temos de fazer como o poeta de Pessoa, e que é o dia-a-dia de qualquer “comediante”: é preciso fingir tão bem que se finja aquilo que deveras se sente.

O mundo está para venda, é um imenso centro comercial, que inclui tudo, incluindo os espaços do inimaginável, da experiência única, talhada à dimensão da personalidade de cada um. Sob a forma de um espectáculo, tão impressionante quanto seja possível para atrair multidões, num fluxo interminável de imagens, qual *passerelle* onde está sempre a passar o mesmo e o diferente, algo que é diverso de nós e que simultaneamente somos nós próprios, porque o que nos caracteriza é sermos consumidores de imagens e, ao mesmo tempo, imagens para consumo, numa auto-alimentação permanente do diverso e do igual.

O centro comercial deve ser seguro, agradável, fluido, um mundo infantil e adulto, onde nos percamos e nos possamos encontrar, onde o que é diferente seja ao mesmo tempo impressionante e reconhecível, securizante e excitante, propiciador de satisfação e despoletador de vontade de mais. Mais do espaço, mais do tempo, desde a pré-história até ao futuro, desde o exterior (espaço sideral) até ao mais íntimo do corpo, ampliado por forma a ser uma paisagem para a vista. Montras, vitrinas, écrans, coisas para se manipular e ver como funcionam, é o museu interactivo, e é a loja para podermos levar para casa um pouco de todas essas experiências.

O mundo é para ser vendido como museu, tipificado em produtos, que nos falam menos de cada um deles – perder muito tempo com cada um seria decerto

uma gestão do tempo menos adequada, e o “visitante” quer “aproveitar” o mais possível – e mais do circuito que entre todos eles é suposto fazermos, cada um segundo o seu ritmo ou as suas opções. Por sua vez o museu deve conter todo o mundo, apresentar uma larga abrangência, oferecer sempre novas curiosidades ao olhar e outros sentidos, ser uma mostra da variedade produtiva da “natureza”, para ser observada de perto e (caso seja essa a opção) sem perigo de doenças, contaminações, vírus. Uma natureza perfeita, desmaterializada, emocionante e transformada em circuito, com entrada, escalas, e uma saída. Mas um circuito aberto, infinitamente reticulado, permitindo todas as trajectórias imaginárias, e todas as experiências de adesão convicta possíveis (incluindo riscos, à escolha). É fundamental que isto seja mesmo levado a sério, que dê mesmo gozo, que as pessoas não só acreditem, mas “curtam” (se confundam com a experiência, a tornem sua), isto é, que se deixem envolver totalmente pela vivência do mundo como museu, e pelo museu como mundo real. A confusão é o prazer, o patamar da convicção.

Dezembro 2001